



3º Encontro Internacional de Política Social 10º Encontro Nacional de Política Social

Tema: “Capitalismo contemporâneo: tendências e desafios da política social”

Vitória (ES, Brasil), 22 a 25 de junho de 2015

Eixo: Serviço Social: fundamentos, formação e trabalho profissional.

O serviço social e a análise crítica de seus fundamentos

Yolanda Guerra¹

Resumo

A pesquisa sobre os fundamentos sobre os quais a profissão se assenta tem no legado marxiano e na tradição marxista a sua referência fundamental. Neste artigo, resultado de pesquisa realizadas no âmbito do PROCAD Casadinho/CAPES, 2012, resgata-se a importância da tradição marxista no Serviço Social, do seu investimento em compreender as bases histórico-ontológicas que fundam a profissão e as práticas profissionais e políticas desenvolvidas na contemporaneidade, bem como na construção de um projeto profissional que intencione a ruptura com o conservadorismo. Afirma-se que somente a correta aproximação de uma ontologia do ser social que se funda na práxis permite ao Serviço Social realizar a revisão crítica dos fundamentos conservadores que vem lhe servindo de explicação e orientação teórico-prática, avançando na perspectiva do projeto ético-político profissional.

Palavras-chave: Fundamentos. Marxismo. Serviço Social.

Abstract

This research investigation on the fundamentals supporting our profession is essentially based on Marx's legacy and Marxist tradition. This article is a result of investigations carried out in the sphere of PROCAD (Brazilian Program for Academic Cooperation)/CAPES (Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel) in 2012. During the investigation, we stress the importance of Marxist tradition to Social Work, of understanding the historical-ontological bases on which this profession is founded, and creating a professional project aiming at breaking with conservatism. We claim that only a correct approach to ontology of the social being founded on praxis will allow Social Work to carry out a critical review of conservative fundamentals, which have been their theoretical-practical justification and guideline. This is the only way to move towards the ethical-political professional project.

Keywords: Fundamentals. Marxism. Social Work.

1 INTRODUÇÃO

A preocupação do Serviço Social com seus fundamentos, no que se refere à sua explicitação formal, surge no contexto da revisão curricular dos anos 90, a partir da necessidade de compreensão das complexas transformações que se colocam no período

¹ Mestre e Doutora em Serviço Social pela PUC (SP). Professora Associada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre os Fundamentos do Serviço Social na Contemporaneidade (NEFSSC/UFRJ).

pós-década de 70 do século passado, quando vimos derruírem-se as bases sob as quais o padrão de produção fordista-keynesiano se assentou.

Quando as ciências sociais se posicionavam sobre a existência de uma crise dos paradigmas, sobre o fim das metanarrativas e negavam a centralidade do trabalho, concebendo o estágio de desenvolvimento do capitalismo como uma nova sociedade, agora, pós-capitalista porque supostamente pós-industrial, o Serviço Social insiste em buscar o fundamento de compreensão da profissão na ontologia do ser social de Marx, cuja protoforma encontra-se no trabalho. Tal centralidade não significa exclusividade: a ontologia de Marx, cuja protoforma é o trabalho, nos direciona para a captação da PRAXIS, como o conjunto das objetivações do ser social que tem no trabalho o momento fundante da sua constituição como ser. As demais objetivações só podem surgir após se estabelecer este metabolismo entre homem e natureza. Somente a partir desta base material, na qual o homem transforma a natureza e se transforma a si mesmo, é possível surgirem novos complexos sociais que envolvem a relação entre os homens, complexos estes fundantes de outras esferas da vida social. Assim, surge um conjunto de objetivações secundárias: a ciência, a política, a arte, o direito, a ética, dentre outras.

Então, a discussão dos fundamentos tem no referencial desta ontologia seu substrato filosófico e teórico-metodológico. É este referencial que nos permite constatar que seus fundamentos encontram-se no processo de produção e reprodução material e espiritual realizado pelos próprios homens no seu processo de trabalho.

Mas a recorrência do Serviço Social aos aportes de Marx vem de antes: surge nos anos de 1960. Tributo ao movimento de reconceituação o primeiro momento de uma apropriação que, de certo modo, se colocava em nível de princípios e valores, incorporando os elementos ídeo-políticos desta tradição derivada de Marx, porém, sem que estes fossem necessariamente reconhecidos, incorrendo no que alguns autores denominam de um “marxismo sem Marx” (QUIROGA, 1991). Tal aproximação se realiza, em geral, pela militância político-partidária, realizada sob ditaduras e contou com todo tipo de repressão, perseguição, tortura, que impôs a interrupção deste pensamento pelo exílio ou autoexílio daqueles que a assumiam. É importante destacar que no Brasil o Serviço Social se aproxima do marxismo por via acadêmica, durante a ditadura militar de 1964.

Por influência da Segunda e Terceira Internacionais, o chamado marxismo oficial toma corpo nas produções teórico-bibliográficas da época, que se espraiam por toda a

América Latina. Neste contexto, tal apropriação põe à profissão possibilidades e limites. Quanto às possibilidades: esta conjuntura permite o questionamento do mito da neutralidade profissional, que acompanha o serviço social tradicional e marca o seu caráter conservador. Quanto aos limites, estes são de várias naturezas. Desprovido do seu conteúdo ontológico, o marxismo é invadido pela racionalidade positivista e tratado a partir de leis da dialética, resultando no seu tratamento como paradigma. Tal apropriação *epistemologista*, além de converter o marxismo em um modelo que se aplica na prática, leva também ao equívoco de introduzir um dado conceito de teoria, cujo viés positivista é até hoje responsável pela jargão de que “[...] na prática a teoria é outra [...]” e, ao mesmo tempo, pelo seu contrário, pela noção empiricista de que “[...] só se aprende a fazer, fazendo”. Aqui, dentre outras consequências, tem-se a visão do assistente social como agente da transformação social e a recusa e negação dos espaços institucionais da prática profissional. O teorismo de que se sustentam as primeiras concepções que se reivindicam marxistas é expressivo, sobretudo na produção resultante do movimento de reconceituação. No Brasil a influência de Althusser e da chilena Marta Harnecker no Serviço Social até os dias de hoje é incalculável e apesar de problematizada por vários autores (NETTO, 1989; QUIROGA, 1991), não foi ainda banida da cultura profissional. Ela foi responsável pela fragmentação, já bastante criticada, do currículo de 1982 entre História, Teoria e Metodologia. Também decorre desta apropriação instrumental de Marx, como uma panaceia que resolve todos os problemas da prática profissional do assistente social, o vício do *metodologismo*, do que resulta a recorrente conversão do método em Marx em uma pauta de procedimentos interventivos, tal como ocorreu com a experiência do método BH (1972). Aqui também temos que trata-lo nesta perspectiva de avanços e limites: na mesma medida que BH foi considerado como a primeira elaboração de um projeto profissional de ruptura (NETTO, 1990), também nos limita a “utilizarmos” o método como um instrumento de intervenção, um conjunto de etapas/procedimentos e/ou caminho para o conhecimento.

Na contemporaneidade da profissão, ao fomentar produções bibliográficas, o referencial marxiano vem permitindo uma apreensão da crise planetária, global e sem precedentes na história, para além de suas dimensões socioeconômicas. Faz-nos perceber que esta crise tem se configurado como uma crise do processo civilizatório, daqueles projetos societários pelos quais este último século se consolidou, das sociedades organizadas por iniciativas de economias planejadas, dos Estados intervencionistas,

enfim, das alternativas à barbárie social (HOBSBAWM, 1992; NETTO, 1993; FREDERICO, 1994)², e, ainda: que o fim do socialismo real não significa o fim do projeto socialista. A clara interpretação da crise nos permite captar as transformações macrossocietárias que se operam nos últimos 40 anos e incidem na configuração do mundo do trabalho, alterando a funcionalidade do Estado diante da nova dinâmica das relações capital-trabalho, incidindo sobre as decisões acerca das estratégias de enfrentamento da chamada “questão social”. Frente a estas transformações, a busca dos fundamentos constitutivos e constituintes dos processos sociais e práticas profissionais, da base material e real e da sua lógica constitutiva, fica cada vez mais premente. Como diz Netto,

A superioridade teórico-metodológica de Marx e seus continuadores é incontestável no trato de questões fulcrais da ordem burguesa – por exemplo, as crises, o subdesenvolvimento, o capitalismo monopolista. Mas ela não me parece menos pronunciada no enfoque de fundamentais problemas contemporâneos, tais como os novos papéis socioeconômicos do Estado, as conexões entre o Estado e as grandes corporações, a revolução científica e técnica e suas implicações na organização do trabalho, o ‘fenômeno urbano, as relações da economia mundial no estágio da plena transnacionalização do capital, as novas formas de dependência (tecnológica, financeira, etc.) (NETTO, 1993, p. 38).

Assim, com a permanência dos fundamentos e determinações da sociedade burguesa o referencial de Marx mantém a sua atualidade, mas também a sua vitalidade.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1. ATUALIDADE E VITALIDADE DO MARXISMO

Com base nas considerações anteriores, concebemos que a atualidade de Marx se dá em razão da permanência dos fundamentos e determinações da sociedade burguesa. Enquanto o sistema capitalista permanecer, as contribuições de Marx se manterão indispensáveis.

Especialmente na conjuntura atual as concepções marxianas fazem o confronto com o ceticismo pós-moderno e o pragmatismo neoliberal. Assim, em que pesem os novos processos e práticas sociais, o que é atual em Marx é a perspectiva de totalidade

² A premissa que sustenta a aceitação de uma crise global que afeta, ainda que de maneira diferenciada, os sistemas políticos vigentes no século XX, é a de que capitalismo “democrático” e socialismo real se determinam reciprocamente, cada um deles incide sobre a existência do outro, impondo alternadamente necessidades de auto-renovação.

encontrada no seu método de análise da realidade (LUKÁCS, 1992). A questão primordial deve ser o modo pelo qual Marx chegou a determinados resultados, isto é, o seu método para a análise do ser social. Quais as contribuições do legado marxiano para pensar a contemporaneidade?

Segundo Netto,

[...] O legado marxiano é a teoria do ser social na ordem burguesa e o método para prosseguir a investigação desta ordem enquanto ela se mantiver como tal; a conseqüente implementação deste método, como instrumento do conhecimento, é a condição tanto para desvelar o desenvolvimento da ordem burguesa quanto para atualizar os resultados alcançados por Marx. Em síntese: a validade da teoria marxiana está exatamente no método que permitiu a Marx descobrir as determinações nucleares do movimento do capital, da ordem burguesa e é este método que permite, hoje, superar as próprias colocações marxianas que o evoluir da ordem burguesa anacronizou (NETTO, 1993).

De acordo com o filósofo tcheco Karel Kosik (1986), o mundo em que vivemos é o mundo da pseudo concreticidade. Os objetos, processos e práticas sociais que se põem na materialidade da sociedade burguesa, no seu movimento dialético, ora se mostram ora se escondem. É no movimento do abstrato ao concreto que se pode alcançar a “dialética da própria coisa” (NETTO, 1993), para o que há a necessidade da pesquisa cuidadosa. É ela que deve permitir a reconstrução teórica das medições concretas que entretecem o objeto.

Aqui, os procedimentos do sujeito que busca o conhecimento não impõe nada ao objeto, mas o acompanha no seu modo de ser, pelo procedimento de ir e vir ao objeto, descortinar seus fundamentos, conhecê-lo por dentro, por inteiro, pelo avesso, desvela-lo, captar a sua lógica interna, tomá-lo pela raiz.

Nesta concepção, a dialética materialista:

[...] é o pensamento crítico que se propõe compreender a coisa em si [...]. O pensamento que quer conhecer adequadamente a realidade, que não se contenta com os esquemas abstratos da própria realidade, nem com suas simples e também abstratas representações, tem de destruir a aparente independência do mundo dos contatos imediatos de cada dia. O pensamento que destrói a pseudo concreticidade para atingir a concentricidade é ao mesmo tempo um processo no curso do qual sob o mundo da aparência desvenda o mundo real; por trás da aparência externa do fenômeno se desvenda a lei do fenômeno; por trás do movimento visível, o movimento real interno; por trás do fenômeno, a essência (KOSIK, 1986, p.15-16).

Como mostra Kosik (1986), há que superar a aparência, o que significa ir para além dela. Na obra de Marx comparece o par categoria aparência/essência e a relação

entre ele, concebendo que toda aparência é parte do real, ou seja, é a aparência necessária a uma determinada essência, necessária, porém, insuficiente. Por essência estamos entendendo a busca e aproximação (o máximo possível) da lógica constitutiva dos processos e práticas sociais. Essência que é sempre histórica e se realiza pelas mediações do trabalho, do pensamento, da sociabilidade, da liberdade, da universalidade. Estas, concebidas como esferas de realização da essência.

É este o procedimento que, a nosso ver, permite captar os fundamentos ontológicos sob os quais o Serviço Social se constitui bem como desvelar as determinações sócio-históricas e ideológicas da profissão na contemporaneidade.

2.2 O LEGADO MARXIANO NA ABORDAGEM DOS FUNDAMENTOS DO SERVIÇO SOCIAL

Estamos convencidos de que não é demais considerar, tal como o faz Netto (1992) que:

[...] a mais ampla e profunda renovação que o Serviço Social vinha experimentando no Brasil, do ponto de vista da sua auto-representação, nos últimos vinte anos, ganhou ritmo e significado inéditos a partir de finais da década de 70 [...] Trata-se de um giro notável, cuja evidência mais perceptível é a interlocução com a tradição marxista. Sem prejuízo das modificações que já estavam em andamento, apelando a matrizes teóricas outras, é a interlocução com o pensamento marxista que confere ao Serviço Social no Brasil a sua carta de cidadania intelectual (NETTO, 1992 *apud* IAMAMOTO, 1992, p. 9).

Com base nos aportes do referencial marxiano, pode-se captar as novas e antigas expressões da chamada “questão social”, as alterações nas demandas profissionais, nos espaços de intervenção, que exigem uma redefinição dos objetos de intervenção, a revisão de suas funções e a busca de novos critérios para a aquisição de novas legitimidades.

Tal referencial possibilitou à profissão uma nova visão de história social e de sujeito social, derivando numa abordagem distinta da tradicional acerca da gênese do Serviço Social, de modo a realizar uma revisão crítica do Serviço Social tradicional e das diversas tendências conservadoras na profissão. Foi possível elaborar a crítica das concepções a-históricas e anti-históricas na e da profissão, quea tomam não como produto de relações sociais, mas como resultado natural ou como ato da vontade de indivíduos vocacionados para a prestação da ajuda.

Trata-se, portanto, de conceber os fundamentos como as bases materiais que dão sustentação, o alicerce, suas determinações, a lógica constitutiva e constituinte dos processos e práticas sociais. O procedimento de ir aos fundamentos é o próprio movimento da razão em busca de captar as bases ontológicas que balizam os processos e práticas sociais e profissionais. Nesta perspectiva, os fundamentos são de diversas naturezas: histórico-ontológicos – referem-se ao modo de ser e de existir das formações, processos e práticas sociais; teórico-metodológicos – referem-se aos modos de conhecer e interpretar as formações, processos e práticas sociais e ídeo-políticos, referem-se aos valores que estão subjacentes tanto às teorias sociais explicativas quanto às práticas sociais e profissionais.

Do ponto de vista mais universal, entendemos que a busca pelos fundamentos das formas concretas e atuais de sociabilidade, de produção e reprodução da vida social na contemporaneidade e a crítica radical das mesmas é condição para que se possa investir na desnaturalização das novas expressões da questão social e na desfetichização da racionalidade (econômica, teórica, ideológica, cultural) hegemônica do mundo burguês. Nesta perspectiva não basta ao sujeito apenas captar a realidade, mas há que desvela-la, para o que, exige-se a ação do sujeito a quem cabe transformar e reconstruir mentalmente o seu objeto.

Quanto ao Serviço Social, por fundamentos estamos considerando as bases sócio-históricas objetivas e subjetivas, bem como as mediações que vinculam e permeiam o exercício profissional do assistente social, ambos resultantes das determinações societárias mais amplas, as quais se particularizam em determinações próprias da *cultura profissional*. Esta, como construção coletiva e base na qual a categoria se referencia, constitui-se a mediação privilegiada entre as matrizes clássicas do conhecimento (enquanto referências teórico-metodológicas) e suas programáticas de intervenção (enquanto direção sociopolítica), os projetos societários em disputa e as particularidades que a profissão adquire na divisão social e técnica do trabalho. Os elementos determinantes da cultura profissional (valores, princípios, referenciais teórico-metodológicos, instrumentos, modos de operar, tipo de resposta) dão a direção estratégica do exercício profissional. Ela porta no seu interior forças, direções e projetos diferentes e/ou divergentes/antagônicos.

Se, de fato, é na história social que vão se gestar as condições de existência da profissão e os temas sobre os quais ela se indaga, do ponto de vista teórico-metodológico

e ético-político, somente apoiada numa concepção teórica capaz de fazer a crítica do existente é que a profissão pode dar o *mergulho ontológico* que lhe permite alcançar a compreensão e revisão dos seus fundamentos.

Como nos indica Lukács:

[...] se de fato a ciência não almeja conhecer de maneira mais adequada possível a realidade do ser em si, se não se esforça a descobrir com métodos cada vez mais aperfeiçoados novas verdades que necessariamente também são fundadas ontologicamente e que aprofundam e multiplicam os conhecimentos ontológicos, em última instância, a sua atividade se reduz a sustentar a práxis no sentido imediato. Se a ciência não pode ou, talvez, conscientemente não quer ir além deste nível, a sua atividade se transforma em uma manipulação dos fatos que interessam aos homens na prática (LUKÁCS, 1988, p. 103).

A preocupação com os fundamentos permite ao Serviço Social rever uma determinada relação entre o conjunto de condições materiais concretas (a chamada causalidade) e o papel do sujeito (ainda que muitos digam que o que fica a margem da abordagem marxiana é a subjetividade). Então, pensar o protagonismo do sujeito seja ele o profissional, seja ele o contratante, seja ele os usuários dos serviços que o assistente social presta, é aceitar que a intencionalidade do sujeito, a construção da sua subjetividade e sociabilidade se dá no confronto entre as condições objetivas e a teleologia/intencionalidade dos agentes, cujo resultado não é de modo algum aquele inicialmente projetado, mas depende do confronto das diversas teleologias que se realizam na história. Assim a história não possui uma teleologia, mas se realiza no confronto entre as diversas teleologias.

2.3 FECUNDIDADE DA ANÁLISE DO SERVIÇO SOCIAL À LUZ DO LEGADO MARXIANO

A compreensão da profissão como produto histórico, bem como outros avanços vinculados à adoção de uma teoria social crítica são datados: é o amadurecimento do processo histórico que instaura as possibilidades de crítica, compreensão e alcance do significado dos processos sociais. Nas palavras de Marx “[...] não basta que o pensamento tenda à realização, é preciso que a realidade mesma tenda ao pensamento” (MARX, *apud* Netto, 1998, p. XLIII). “[...] a teoria se converte em poder material tão logo se apossa das massas. A teoria é capaz de apoderar-se das massas quando argumenta e demonstra ad *hominem*, e argumenta e demonstra ad *hominem* quando se faz radical. Ser radical é atacar

o problema pela raiz. E a raiz, para o homem, é o próprio homem” (Marx, *apud* Ianni, 1988, p. 16).

Ainda que de maneira pontual, é importante indicar os avanços da profissão a partir da apropriação que faz da teoria social de Marx, incidindo na determinação dos fundamentos que explicam/ indicam:

- 1) o surgimento ou a gênese histórico social do Serviço Social, sua funcionalidade e possibilidades histórico-sociais, de modo a contribuir para uma compreensão da **natureza e do significado sócio-histórico da profissão,**
- 2) a profissão no interior **da divisão social e técnica do trabalho,** visando indicar a que necessidades profissionais o Serviço Social responde,
- 3) as necessidades geradoras de determinadas **demandas e as respostas profissionais** esperadas pelo ordenamento social,
- 4) a **demanda que se gesta na e da dinâmica referente a uma etapa do capitalismo** com todas as suas determinações econômicas, políticas, culturais, e suas resultantes objetivas e subjetivas,
- 5) as tradicionais, atuais e emergentes demandas que se colocam a profissão,
- 6) as atuais e novas modalidades de intervenção sócio-profissionais e políticas
- 7) o tipo de racionalidade necessária para a crítica ontológica no cotidiano,
- 8) o referencial teórico necessário a sistematização crítica das práticas profissionais e da produção teórica da área.

Assim, podemos captar a profissão como resultado histórico, no confronto de interesses antagônicos entre o capital e o trabalho e na mediação entre as classes sociais fundamentais e o Estado e as funções deste como administrador dos ciclos de crise.

Nesta direção, a busca dos fundamentos permite a profissão compreender a sua funcionalidade ao projeto societário do capital, mas também as possibilidades de questiona-la.

Para tanto, a profissão tem que recorrentemente fazer a crítica da **concepção de história própria do Positivismo** como sucessão de fatos (ou da ideia) no tempo, uma concepção linear, cronológica, abstrata e naturalizada de História e, ao mesmo tempo, captar a história como movimento de continuidades e rupturas em permanente processo de totalização, resultado da ação de sujeitos que a fazem se fazendo, a partir de condições historicamente dadas.

No percurso dos avanços na formação profissional, a apreensão dos fundamentos históricos e teórico-metodológicos nos permitiu **avaliar melhor a relação entre teoria e prática** em detrimento da tão propalada História, Teoria e Método do Serviço Social; apreender a função social que o assistente social representa como profissional da coerção e do consenso, fruto das pesquisas de Yamamoto. Nessa concepção, encontra-se a chave analítica para a superação das visões fatalistas e messiânicas na profissão. Também no legado marxiano reside a possibilidade de os assistentes sociais resistirem ao racionalismo burguês moderno e de se colocarem à favor dos interesses da classe trabalhadora. Assim, entendemos que a apreensão da dimensão ontológica dos fundamentos é essencial para se enfrentar o **pensamento agnóstico** (o descarte da coisa em si) presente no racionalismo burguês (ou formal-abstrato) e no irracionalismo pós-moderno.

A formação profissional com base nos fundamentos detém a possibilidade de superar a visão de modelos, a fragmentação entre o profissional da prática e o da acadêmica, a concepção de ensino como sinônimo de treinamento e de incorporar a noção de formação a partir de competências e habilidades específicas do ponto de vista teórico-metodológico, ético-políticos e técnico-operativo (Ver a respeito as competências indicadas pela formação profissional)

3 CONCLUSÃO

Apesar da dificuldade em torno desta apropriação, como já tratado na bibliografia da profissão (NETTO, 1989; IAMAMOTO, 1992; QUIROGA, 1991, dentre outros) o referencial marxiano e a tradição marxista podem ser constatados na base do projeto ético-político profissional, especialmente quanto aos princípios e valores legados da ontologia do ser social de Karl Marx. Também o projeto de formação profissional foi haurido nesta vertente e as atribuições e competências dos assistentes sociais, que foram captadas pela análise concreta de situações concretas, têm sua base no materialismo histórico-dialético de Marx.

Estamos certas de que a interpretação correta dos fundamentos sobre os quais o exercício profissional se assenta permitirá atualizar e renovar os conteúdos programáticos necessários à formação profissional dos assistentes sociais, uma vez que considera-se que o redirecionamento da prática e do perfil da formação profissional necessita de investimento em sólida fundamentação teórica e de uma matriz teórico-metodológica que

permita uma análise crítica que ultrapasse a fenomenalidade dos processos sociais e que, portanto, busque os fundamentos. Em última instância, tais resultados visam o fortalecimento do projeto ético-político de ruptura com o conservadorismo teórico e ídeo-político e prático-profissional, enquanto uma das tendências presentes na cultura profissional.

Sem dúvida, é este referencial que vai nos permitir enfrentar os novos problemas, preencher lacunas e captar tendências e ultrapassar o restrito, mas necessário, âmbito do mercado de trabalho.

Não se entende as demandas profissionais oriundas das novas expressões da questão social e as formas de nelas intervir sem o desvelamento dos fundamentos da economia política que é a base material na qual a produção e reprodução da vida social se realiza. Não se capta as novas e tradicionais demandas sem a análise concreta de situações concretas, donde a afirmação de que a abordagem correta dos fundamentos exige-nos, “[...] buscar a restituição do sentido original da obra de Marx” (NETTO, 2004, p. 148).

Dentre os desafios a serem enfrentados, considera-se urgente o esclarecimento de que “não há nem pode haver um serviço social marxista”, reivindicação sempre presente na categoria profissional, mesmo que não explicitamente. Mas isso não diminui a importância e necessidade de uma correta apropriação da teoria social de Marx pelo Serviço Social.

Outra lacuna que a bibliografia da profissão vem demonstrando é a necessidade de um retorno aos princípios do código de ética visando recuperar seus pressupostos e fundamentos sem a invasão positivista e o utilitarismo do pragmatismo. A polêmica sobre a suposta crise do projeto ético-político na direção do que vem a ser um projeto, sua natureza, seu âmbito de intervenção, limites e possibilidades bem como o entendimento do que é hegemonia, a distinção entre pluralismo e ecletismo, e a direção social estratégica (hegemônica ou não) do chamado projeto ético-político profissional também vem exigindo aprofundamento teórico. Há ainda que se fazer a crítica dos fundamentos do serviço social tradicional e conservador.

Por isso, estamos convencidas de que, como processo de aproximações sucessivas ao objeto, a busca da obra marxiana vai nos permitir avançar na interpretação mais correta possível dos fundamentos histórico-sociais do Serviço Social, na medida em que este

legado nos possibilita e exige rigor teórico-metodológico, a busca das fontes clássicas e contemporâneas, maior densidade analítica o combate frontal do ecletismo.

Assim, a partir do momento em que a obra de Marx passa a subsidiar as análises dos assistentes sociais e a fecundar nossa produção bibliográfica, é impossível desconhecer ou negar, a não ser através da intervenção da ideologia burguesa, a luta de classes, a contradição como o movimento da história, a natureza da desigualdade produzida pelas relações sociais capitalistas e a exploração congênita a esta ordem social. É também impossível não assumir que o conhecimento, nesta perspectiva, tem um papel que supera a si mesmo: ele assume a sua natureza radical e revolucionária. Ele tem que ser capaz de orientar a transformação radical das ideias e, por meio da ação consciente, a transformação da própria realidade social. Como nos ensina Lenin: “[...] sem teoria revolucionária, não existe movimento revolucionário. Nunca será demais insistir nessa ideia, numa época em que a propaganda em moda do oportunismo anda de par com a paixão das formas mais estreitas das atividades práticas” (LENIN, 1955, p. 32).

REFERÊNCIAS

ABESS. A produção do conhecimento no Serviço Social. **Cadernos ABESS**, São Paulo: Cortez, n. 5, 1992.

ABESS. A metodologia no Serviço Social. **Caderno ABESS**, São Paulo: Cortez, n. 3, 1989.

CONSELHO REGIONAL DE SERVIÇO SOCIAL-7a. Reg. **Assistente Social: ética e direito**. Coletânea de Leis e Resoluções. Rio de Janeiro, 2000.

FREDERICO, Celso. **Crise do socialismo e movimento operário**. São Paulo, Cortez, 1994.

GUERRA, Yolanda. A força histórico-ontológica e crítico analítica dos fundamentos. **Revista Praia Vermelha**, Rio de Janeiro, n. 10, 2004.

GUERRA, Yolanda. **A Instrumentalidade do Serviço Social**. São Paulo, Cortez, 1995.

HOBBSAWM, Eric. Adeus a tudo aquilo. In: Blackburn. **Depois da queda**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

IAMAMOTO, Marilda V.; CARVALHO, Raul de. **Relações sociais e serviço social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico metodológica**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1982.

IAMAMOTO, Marilda V. **Renovação e Conservadorismo no Serviço Social**. Ensaios Críticos. São Paulo: Cortez, 1992.

IANNI, Octavio. **A produção da sociedade**. Marx - Sociologia. São Paulo: Ática, 1988.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

LENIN, Vladimir. **Que fazer**. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1955. v. 2 (Obras Escolhidas).

LUKÁCS, Georg. O marxismo ortodoxo, In: Netto, J. P. (Org.) **Lukács, Sociologia**. São Paulo: Ática, 1992. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

LUKÁCS, Georg. O Neopositivismo **Teoria e Política**, São Paulo, Brasil Debates, n. 9, 1988.

LUKÁCS, Georg. **Ontologia do ser social**: os princípios ontológicos fundamentais de Marx. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

LUKÁCS, Georg. As bases ontológicas da atividade do homem. **Revista Temas de Ciências Humanas**, São Paulo, n. 4, 1978.

LUKÁCS, Georg. **El Assalto a la razón**: la trayectoria del irracionalismo desde Schelling hasta Hitler. Grijalbo, 1976.

MANDEL, Ernest. **O Capitalismo Tardio**. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985. (Col. Os Economistas).

MARX, Karl; ENGELS, Frederic. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MARX, Karl. **Introdução à crítica da Economia Política**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. (Livro I, Vols. 1 e 2). São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia**. São Paulo: Ensaio, 1996.

NETTO, José Paulo. Introdução ao estudo do método em Marx. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

NETTO, José Paulo. **Marxismo impenitente**: contribuição à história das idéias marxistas. São Paulo: Cortez, 2004.

NETTO, José Paulo. Prólogo: Elementos para uma leitura crítica do Manifesto do Partido Comunista. MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

NETTO, José Paulo. Transformações societárias e Serviço Social - notas para uma análise prospectiva da profissão. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo: Cortez, n. 50, ano 17, 1996.

NETTO, José Paulo. **Crise do socialismo e ofensiva neoliberal**. São Paulo: Cortez, 1993.

NETTO, José Paulo. **Capitalismo monopolista e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1992.

NETTO, José Paulo. **Ditadura e serviço social**. São Paulo: Cortez, 1990.

NETTO, José Paulo. O serviço Social e a tradição marxista. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo: Cortez, n. 30, 1989.

NETTO, José Paulo. Teoria, método e história na formação profissional. O processo da formação profissional do assistente social. **Cadernos ABESS**, São Paulo, n. 1, 1986.

QUIROGA, Consuelo. **Invasão Positivista no Marxismo**. Manifestações no Ensino da Metodologia no Serviço Social. São Paulo: Cortez, 1991.

VAZQUEZ, Adolpho S. **Filosofia da Práxis**, 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.